

# Três Poemas em Prosa

Artur Eduardo Benevides

## LULABEY E A FLORESTA

De madrugada parti. Saltei em minha canoa e atravessei o rio. Nem sei o que fazia naquele território. Sòmente a floresta me atraía. A floresta (concha de sono e fonte), verde leito da noite e da inaudível canção vinda de Deus.

Eu era uma viagem jamais realizada. Nas tardes antigas semeara ilhas. Depois amanhecera além daquele reino. Eram dias de fuga e olhos me seguiam, sem que eu pudesse amar os pobres arco-íris.

Escondi o amor, guardei três mil palavras, para um dia as colhêr e então banquetear-me aos pés de Lulabey.

Ó mulher, ó flauta, ó albatroz!

Suas mãos me encantaram diante do tempo e o meu corpo foi a embarcação que ela usou para as lentas travessias. Encontrei seu cadáver no meio da floresta. (Ao lado, o punhal flamejante de algum navegador que a liquidara ao ver um navio fugindo dentro dos seus olhos).

Ai, de tôdas as terras partiam para a ausência! À luz de lanternas, marchavam para a morte. E poucos restariam depois dos apelos dos últimos abismos.

Eu estava louco. Maldições batiam em **minha** face. Regougavam abrenúncios. Mas não havia medo nos olhos que buscavam a paz de Lulabey.

Quem poderia esquecer os seus cabelos feitos de epitalâmios e luar?

E eu tinha que fugir para não morrer à sombra de enormes cogumelos que marchavam vermelhos sobre o esquecimento.

Saltei em minha canoa e atravessei o rio. E ao longe passavam tristes remadores navegando para as grandes profecias.

+

Caminho altas horas entre anjos e bêbados com o corpo da morta transformado em pétalas. Encontrei-o de braços com o rosto ferido e os ventos gritando sobre os seios nus. Ninguém a descobria vagando sem destino. Entanto, ela já estava louca e saltaria para o imenso silêncio. E era misteriosa como um grito no fundo da floresta.

Agora, caminho sob a chuva.

Colherei auroras para a sua grinalda.

Depois, entregarei seu corpo aos grandes rios.

+

Ó Lulabey

por que não me cegaste para eu não ver os teus segredos e depois vieste beijar as minhas pálpebras, trazendo-me a visão tranqüila do teu reino? Por que não devolveste a minha alma envolta com os alvos linhos do perdão?

Transvendo-te agora sinto que tu és povoação, mulher e fragmento de vôo.

Sobre ti caem cousas e palavras não beligerantes.

Tua ausência é a paz nascendo sobre lágrimas.

Teu olhar — durindana cruel partindo a vida.

+

Não sei como voltar. Não vejo mais estradas. Daqueles longos dias conservo frágil voz. Perdi minha canoa. Não ouço mais o rio correndo e lançando-se em largos precipícios.

Em mim só a floresta. Escuto os seus rumores e canto para ela diante das esfinges.

+

No coração palavras me renovam. Por isso estou ligado à dor de Lulabey. Luas a perseguem: ela é louca e santa, olhar que se debruça sobre as fundas mortes, rosa de solidão, estrela da balada, canção que se renova mesmo sobre as dunas.

+

Memória

a paz que tens é bela. Mas é triste.

Joga em meu poema a luz do sete-estrêlo

ou crava de uma vez em mim os teus punhais!

### A P O N T E

A ponte recolhia os passos dos caminhantes frios de suor e, dentro dos seus braços, sentíamos a lucidez de todos os abismos.

Sobre ela caíam os luas do tempo e os olhares dos homens — e se abria (pequena e feliz) aos que fugiam pela madrugada.

Às vezes eram bêbados que se debruçavam sobre as amuradas, vendo o rio correr em procura das bocas do mar. Do alto, nos dias de inverno, lançávamos, à deriva, barcos de papel. E nêles ia um pouco da viagem, da longa e profunda viagem que, em nós, buscava forma.

Todos a amavam, sobretudo nós, que éramos crianças e ficávamos sonhando cousas imaturas, postados nos pilares ásperos e velhos. Era uma ponte do povo, cheia de tristezas, mas cuja travessia nos dava, sempre, o bem-estar e a luz dos reencontros.

Além das suas colunas, abriam-se os campos. Os viajantes que ali nos encontravam contavam para nós pedaços de viagens. E ficávamos a pensar aonde nos levaria o rio que passava.

Em nós rebentavam os primeiros mistérios. E era belo o amor. Na ponte, fazíamos confidências e escrevíamos o nome das meninas que moravam nos velhos casarões.

Queríamos fugir e ela não deixava. Guardava-nos segredos

para que corrêssemos em busca do seu vulto, que era como súbita canção e olhar de namorada.

Um dia, foi trampolim obscuro da morte e alguém se atirou gritando sôbre a correnteza, enquanto pássaros fugiam para o azul deserto e sem problemas.

Era uma ponte do povo. Ninguém a esquecerá. Todos têm uma ponte dentro de si.

Ei-la insepulta no poço do silêncio, sob o afago invisível de velhas clarinetas. Ei-la intacta, sob o céu da infância, lembrando-vos que o pranto, que nunca percebestes, vem daquela voz que um dia ela me deu.

Há uma ponte em nós.

Uma ponte que nos leva

ao sono

à vida

à madrugada

à morte

à paz

à fonte

e Deus.

E todos terão que descobri-la.

E transpô-la

é a luta

e o ofício

do homem

solitário.

## O FUGITIVO

Justamente na hora de se pôr em marcha, quando tôdas as ordens já haviam sido dadas, e os clarins soavam, e as vanguardas se moviam lentamente, e a poeira começava a dançar no meio dos exércitos; justamente na hora em que todos começavam a seguir para a última batalha, pois era preciso destruir os incautos vizinhos, para que não sucumbissem à fome; justamen-

te nessa hora, o jovem Capitão viu a luz e ouviu a voz que o chamava ao longe.

A voz disse o seu nome e a luz caiu sôbre a voz. E êle, forte e altivo nos embates, sentiu-se tímido ante o estranho poder. Mas, como atraído por longínquo ímã, deu meia volta e saiu em disparada, para trás, cavalgando sem cessar. E, aos seus ouvidos, trazidos pelo vento, chegavam os gritos do seu povo, pedindo-lhe que voltasse.

O Jovem Capitão, sem saber para onde ia, seguia. E tinha a súbita e sólida certeza de que seu rumo era aquêle. Por isso, açoitava o cavalo, febrilmente, e parecia uma flecha rasgando as pastagens da aurora.

De repente, a voz, como uma presença nêle, falou. E a luz cobria as palavras. E o Jovem Capitão parou maravilhado.

Então a voz cantou um réquiem sob a luz decomposta. As palavras caíam na alma do Jovem como setas no peito de uma ave. Mas, em vez de sangue, êle sentia lágrimas.

A voz, ao terminar, disse:

— “Vês aquela luz, nos altos céus? Pois serás seu escravo. Caminharás para ela até que o tempo a colha para ti. E, enquanto a esperas, dirás aos que encontrares que há cousas maiores na vida do que simplesmente viver. E quando menos o pressentires, estarei falando em ti, pela tua bôca, indiferente às danações e ao abismo”.

Depois disso, a voz fêz-se silêncio. E o Jovem Capitão, meio alumbrado, saiu passo a passo, de regresso à pátria. Mas já se haviam passado muitos anos.

Então êle perdeu o seu cavalo no meio de uma planície e subiu as montanhas para ver se o localizava. Mas, cansado de andar e de subir, caiu adormecido à beira de uma fonte. E leves brisas cantaram para êle. E a voz saiu do seu peito e banhou-se na linfa. E a luz a enxugou.

Quando o Jovem Capitão acordou, encontrou facilmente

o seu cavalo. E saiu novamente para a viagem. E as nações e as gentes o olhavam com ternura, pois suas frases brilhavam na noite como candeias que, nos rochedos, acenassem para os desaparecidos.

O Jovem Capitão possuiu o amor de muitas mulheres. A tôdas procurou explicar o seu segrêdo. Mas o imaginaram louco. E riram dêle como se ri de uma criança.

Por isso mesmo, partiu mais uma vez e ficou escondido para sempre nas montanhas. E se divertia sendo o pastor das grandes palavras que, libertas de tôda impureza, flutuavam diante da fonte e depois corriam para surpreender, nas nascentes dos rios, os últimos raios do crepúsculo.